



GEPAD EM QUARENTENA - NÚMERO 36

Não precisamos de milagres, mas de cuidado coletivo: os desafios da ciência no contexto atual

Por: Nathalia Valderrama Bohórquez

Data: 4 maio 2020

Está difícil para a ciência. Está difícil para todos. Já é maio e a humanidade leva quatro meses enfrentando a pandemia. Registram-se 6.750 óbitos causados por Covid-19 no Brasil até 2 de maio, sem falar da enorme subnotificação, enquanto no mundo já se acumulam 244 mil mortes notificadas (Ministério de Saúde, 2020, Johns Hopkins University, 2020). As ligações aos amigos e as publicações nas redes sociais centram na maioria das vezes sua atenção em indagações: como você está e como está indo o distanciamento social na sua cidade? Algumas pessoas que levam a sério o distanciamento social estão entediadas, outras estão curtindo, cuidando-se, lidando com a solidão ou convivendo com seus familiares em casa. A maioria das pessoas está preocupada pela situação econômica e social derivada da perda (ou futura perda) do emprego e do fechamento de empresas. A essas preocupações soma-se a incapacidade dos sistemas de saúde de atender os

pacientes mais graves da Covid-19 (Folha de S. Paulo, 2020).

Segundo epidemiologistas, o atendimento aos pacientes responde ao padrão 80/15/5: aproximadamente 80% das pessoas que contraem coronavírus precisam de cuidados domiciliares, 15% de enfermarias e 5% de unidades de tratamento intensivo (UTI) (El País, 2020). Correm mais riscos as pessoas com comorbidades como doenças cardiovasculares, anemia falciforme, diabetes, hipertensão, sobrepeso e obesidade, idosos e fumantes de longa data, entre outros (Fiocruz Brasília, 2020). Nunca foi tão evidente a importância de rotinas de vida saudáveis, ainda mais com a pressão da limitada disponibilidade de leitos. Sob a escalada da demanda, o Estado brasileiro definiu o Escore Unificado para Priorização (EUP-UTI), estabelecendo os critérios para o acesso a atendimento médico em caso de ausência absoluta de leitos suficientes (Diário Oficial da União, 2020). O medo coletivo assim emerge lado a lado a busca pela sobrevivência, enquanto não surge uma vacina para a Covid-19. Isso induz a adoção de práticas diversas, que pregam o fortalecimento do sistema imune, a eliminação do vírus antes ou depois que este se replique nas células do corpo hospedeiro ou que representam um consolo à difícil situação encarada.

Essas práticas diversas abrangem desde a oferta de cultos usando a fé, benzimentos, poções, chás e compostos “milagrosos”. Gargarejos com água morna, sal e vinagre, o consumo de chá de abacate com hortelã, mel, uísque, vitamina C ou D, própolis ou outras substâncias, e a aplicação de ivermectina, aparecem como formas de tratamentos da doença, mesmo carecendo de evidências científicas (Fundação Oswaldo Cruz, 2020). Um artigo da BBC (2020) mostra que os mitos mais frequentes nas redes sociais são o consumo frequente de água, alho ou alimentos frios e quentes. Outros mais extremos são o consumo da solução mineral milagrosa (MMS) ou dióxido de cloro (CDS, pelas siglas em inglês) e da prata coloidal, ambos com efeitos adversos à saúde comprovados (Anvisa, 2007, Ascom, Anvisa, 2019). Mas o produto mais conhecido é a cloroquina. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (2020), a cloroquina pode ser uma alternativa terapêutica devido a inexistência de medicamentos seguros. No entanto, não há evidência científica suficiente da segurança e eficácia do seu uso para tratar os pacientes da Covid-19. Usado em doses altas pode aumentar “o risco de uma arritmia cardíaca potencialmente fatal” e os hospitais Sírio-Libanês, Hospital das Clínicas de São Paulo e o Hospital das Clínicas em Campinas como instituições, até a data, não recomendam a administração dessa medicação (O Globo, 2020, Estadão, 2020).

A propaganda e replicação de informações sem método científico se propagam, geralmente na base da confiança recíproca a um amigo, familiar ou personalidades, em outras palavras, porque alguém recomendou. As redes

sociais, incluindo Facebook, Youtube, Instagram, Whatsapp, blogs e sites são os canais de informação prediletos para a difusão dessas práticas milagrosas. As principais estratégias empregadas para justificar a adoção dessas práticas são os depoimentos de pessoas que asseguram a sua efetividade, pois quanto maior a quantidade de adeptos ao redor do mundo que atestem seus efeitos terapêuticos positivos, mais popularidade elas ganham. As estratégias mais sofisticadas compreendem vídeos disponíveis online, onde “especialistas”, profissionais ou não do ramo da saúde, atestam seus efeitos. No entanto, uma busca de informações sobre alguns desses profissionais em sistemas de informação acadêmica e científica oficiais dos países de origem, em muitos casos pode desvelar a minguada vida científica, a inexistência de publicações em jornais com revisão por pares e a falta de estudos prévios que demonstrem a efetividade desses tratamentos. ResearchGate e LinkedIn, usados por alguns, não são plataformas oficiais e as informações lá registradas não são fiscalizadas por nenhum organismo de controle oficial. Os mais ousados optam por publicar experimentos na estrutura de um artigo científico sem que esses sejam submetidos a um comitê de expertos na área ou avaliados por revistas científicas reconhecidas. Dessa forma, o rigor desses estudos e a confiabilidade dos seus resultados são muito baixos. Sem metodologias rigorosas e sob protocolos médicos inseguros, no melhor dos casos esses experimentos podem estar só atestando o efeito placebo em nível psicológico, baseado nas crenças das pessoas. No pior dos casos, podem levar a intoxicações relacionadas à exposição a componentes que representam riscos à saúde ou implicam a aglomeração de pessoas, um possível fator de propagação do vírus.

A dificuldade de reconhecer informações confiáveis do ramo científico demonstra a enorme brecha que separa a maioria da população da ciência. Isto é mais um resultado da falta de acesso à educação e também do obscurantismo e da ideologia anticiência promovida por alguns líderes e movimentos. O combate à desinformação é uma luta constante, ainda mais diante do aumento da abrangência e da capacidade de persuasão oportunizado pelos novos canais de comunicação de acesso livre, como as redes sociais e a internet. A melhor forma de combater a desinformação em relação à ciência está na própria ciência e na capacidade dos cientistas de divulgar o conhecimento de modo popular e democrático para todos os segmentos da sociedade.

O atual contexto da Covid-19 demanda ações imediatas para encarar a crise. O distanciamento social, a lavagem constante das mãos e o uso de máscaras são até o momento as práticas mais efetivas para conter a sua propagação. Os médicos recomendam também ter uma higiene adequada, uma alimentação saudável e balanceada e uma vida ativa, acompanhada de uma rotina de exercícios físicos, bom sono e hidratação (Fundação Oswaldo Cruz,

2020). As consequências da pandemia sobre a saúde e a economia e o medo que isso gera na população precisam ser enfrentados com atitudes e práticas baseadas no cuidado coletivo psicológico e físico e não com práticas duvidosas e oportunismos que podem colocar em risco a saúde e a vida.

Referências

Anvisa, 2007. Boletim informativo da OMS sobre produtos farmacêuticos, n. 5. Notícias & Edições.

Ascom, Anvisa, 2019. Autismo: falso medicamento é proibido. Produto químico corrosivo vem sendo oferecido como tratamento para diversas doenças. Fiscalização, 24 mai. 2019.

Ministério de Saúde, 2020. COVID19. Painel Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

El Pais, 2020. Geometria de uma pandemia do coronavírus. [PANDEMIA DE CORONAVÍRUS](#). SAMPEDRO, J. Análise, [15 mar 2020](#).

Diário Oficial da União, Edição 80, Seção 1, p. 107, 28 abr. 2020.

Johns Hopkins University, 2020. COVID-19. Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE). Disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>

Folha de S. Paulo. Leitos de UTI do SUS devem acabar em maio na maioria dos estados. [CORONAVÍRUS](#), 3 mai.2020

Fiocruz Brasília, 2020. Coronavírus? Tire suas dúvidas aqui!, 23 mar. 2020.

Fundação Oswaldo Cruz, 2020. Coronavírus: Perguntas e respostas. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/coronavirus/perguntas-e-respostas>

Fundação Oswaldo Cruz, 2020a. Nota Técnica. Orientações sobre o uso da Cloroquina para tratamento de pacientes infectados com SARS-CoV-2, agente etiológico da Covid-19.

Estadão, 2020. Estudo com cloroquina para covid-19 é interrompido por aumento de risco de complicações cardíacas. Thomas, K, Sheikh, K. Saúde, 14 abr. 2020.

O Globo, 2020. Celebrada por Bolsonaro, cloroquina está longe de cumprir expectativa contra a Covid-19. Herdy, T. Coronavirus, 2 mai. 2020.

BBC. Coronavírus: 6 mitos e conselhos falsos que você deve ignorar sobre a covid-19. Brasil, 10 mar. 2020.